

III Colóquio Literatura Madeirense

Funchal, 10.03.2027 a 12.03.2027

CHAMADA DE COMUNICAÇÕES

Até 10.01.2027

coloquio.literatura.madeira@gmail.com

Em 2027 completam-se 100 anos de dois relevantes acontecimentos editoriais em Portugal, que, a vários níveis, se relacionam com o sistema literário madeirense: o lançamento do n.º 1 de ***Presença. Fôlha de Arte e Crítica***, a 10.03.1927, em Coimbra; e a edição, em Lisboa, de ***As Ilhas Desconhecidas. Notas e Paisagens*** de **Raul Brandão**, autor por vezes associado ao(s) modernismo(s), ora pela identificação com um certo expressionismo literário, ora pela prática de um discurso marcado pela questionação do dogma da *mimesis* como único processo de criação literária (Régio 1928.02.09; Torres 2010; Reynaud 2021).

Assim, o ***III Colóquio Literatura Madeirense***, promovido no **Funchal** entre **10 e 12 de março de 2027**, numa co-organização da Direção Regional dos Arquivos, das Bibliotecas e do Livro (**DRABL**), com o Departamento de Cultura da Câmara Municipal do Funchal (**CMF**) e com a Faculdade de Artes e Humanidades da Universidade da Madeira (**UMa**) – uma vez mais em articulação com o programa da ***Feira do Livro do Funchal*** –, convida a **revisitar, em contexto, a revista *Presença* e a obra de Raul Brandão**, para, com maior amplitude, **(re)pensar a história e a cartografia dos modernismos portugueses**, interrogando o modo como estes foram **recebidos na Madeira em vários momentos**; como estiveram implicados nas **dinâmicas culturais e políticas em curso no arquipélago**; e/ou como **colheram contributos de diversos agentes culturais madeirenses**, desde autores literários, a artistas de outras áreas, sem esquecer editores, críticos, promotores de iniciativas culturais e/ou de publicações periódicas, etc.

Isto, **sem excluir**, como habitualmente, propostas de **comunicações que abordem temáticas não relacionáveis com estas duas efemérides e que sejam extensíveis a outros períodos da história literária insular**.

Passada a fase de maior exaltação modernista dos anos 1910 e início dos anos 1920, em cujas movimentações participaram vários *novos madeirenses* – Albino de Menezes, Henrique e Francisco Franco, João Cabral do Nascimento, Álvaro Manso de Sousa, etc. (Salgueiro 2022) –, o aparecimento da revista *Presença* em maio de 1927 é apontado como fenómeno sinalizador de um *segundo momento modernista* português (Frias s. d.), tendencialmente menos disruptivo (Lisboa 1984: 42-43). Contudo, presencistas como Edmundo de Bettencourt ou Adolfo Casais Monteiro – este, sobretudo em resposta à denúncia *contra-revolucionária* que Eduardo Lourenço, em 1960, apontou ao modernismo da *Presença*, ou melhor, à *mitologia dos modernismos presencistas de Régio e Torga* (Lourenço 2008) – não

deixaram de contra-argumentar que o *espírito renovador* que conduziu à fundação da *Fôlha de Arte e Crítica* coimbrã e sustentou a sua publicação até 1940 nunca reduziu a polifonia estética, poética e crítica de *Presença* a uma *univocidade* de escola (Monteiro 1995). Segundo Casais Monteiro (1995: 25), a leitura da revista demonstrava precisamente «a coexistência de poetas de fisionomia profundamente diferenciada, tanto pelos seus temas como pelas suas preferências formais», incluindo alguns mais próximos de anteriores tendências vanguardistas. A esta heterogeneidade presencista, Casais Monteiro juntava, em contraponto, a partilha de um *espírito renovador* entre os colaboradores na revista, manifesto na ação «crítico-polémico-pedagógica» que nela se desenvolvia.

Ousada do ponto vista gráfico e material, esta *Fôlha de Arte e Crítica* experimentou «um novo *vocabulário* e uma nova *gramática* da linguagem visual» que, à semelhança de outras congéneres nacionais e internacionais mais vanguardistas, apostou na criação de uma imagem inquestionavelmente modernista, em que o investimento estético e o experimentalismo tipográfico e de paginação exigiam também novas formas de leitura mais complexas, tendo contribuído para o desenvolvimento do design gráfico em Portugal (Serejo e Reis 2018: 122-123).

Por outro lado, *Presença* destacou-se no panorama modernista português, ora pela sua longevidade (56 números publicados entre 1927-1940); ora pela divulgação (na revista e sob a chancela das *edições presença*) de vozes da mais recente geração literária portuguesa, mas também os autores mais relevantes da anterior geração modernista; ora por deliberadamente investir na produção crítica e ensaística, fundamental quer para o desenvolvimento de uma leitura integrada dos modernismos literários com outras artes (pintura, desenho, escultura, cinema, fotografia, música, etc.), quer para a aproximação do sistema cultural português às várias sensibilidades modernas europeias e brasileiras de então, quer ainda para a divulgação alargada e consagradora de figuras de relevo do *primeiro momento modernista português*, como Pessoa e seus heterónimos, Sá-Carneiro e Almada, ou mesmo Raul Leal, António Botto e Diogo de Macedo.

Não surpreende, por isso, que, desde a primeira hora, o espírito modernizador da *Presença* tenha colhido adeptos e simpatizantes no sistema cultural madeirense. Os madeirenses Abel Almada (também enquanto Tristão de Teive, sua assinatura autoral fictícia), Albino de Menezes, Edmundo de Bettencourt, João de Brito Câmara e Santiago Melo encontram-se entre os colaboradores na *Fôlha de Arte e Crítica* coimbrã. A partir dos anos 1940 e em claro alinhamento com os propósitos de *Presença*, João de Brito Câmara desenvolveu várias iniciativas no Funchal com o propósito de difundir o(s) modernismo(s) na Madeira, com destaque para *O Modernismo em Portugal. Entrevista com Edmundo de Bettencourt*, publicada em 1944 no *Eco do Funchal*, e só depois editada em separata, com circulação nacional. Vários artistas insulares ligados ao trimensário humorístico *Re-nhau-nhau* (p. ex. o caricaturista Teixeira Cabral, o escritor João França ou o diretor e co-fundador do jornal, Pedro Gonsalves Preto, autocaricaturado sob as insígnias «Poesias. Humor. Jornalismo. Modernismo»), lançado no Funchal em dezembro de 1929, terão também acompanhado de perto a revista coimbrã, embora recuperando a herança humorística das primeiras experimentações modernistas em Portugal no início dos anos 1910, sendo de destacar que,

logo a partir de maio de 1930, a *Presença* divulgará frequentemente o *Re-nhau-nhau*, entre as novidades editoriais recebidas em Coimbra.

Porém, entre os adeptos e simpatizantes madeirenses de *Presença*, há a destacar Abel Almada (1905-1970) e Edmundo de Bettencourt (1899-1973) que, embora por vezes esquecidos, integraram o grupo fundador da revista. Se Abel Almada – o *prosador-matemático*, como lhe chamou Mónica Teixeira (2005: 351) –, apenas colaborou nos primeiros números da revista (problemas de saúde agravados em 1926-1927 forçaram-no a regressar à Madeira e a afastar-se da *Presença* e da criação literária), importa não esquecer o papel ativo que, em 1925, teve – também na companhia de Edmundo Bettencourt – num *movimento futurista* que agitou a cidade dos estudantes e pretendia estender-se a outras cidades, nomeadamente através da anunciada *Sol,* «revista d'arte moderna, dirigida por Celestino Gomes, Alberto de Serpa, Abel Almada, António de Navarro, José Régio e Mario Coutinho» (Marnoto 2009: [39]). O folheto *Coimbra Manifesto 1925* (em que Tristão de Teive colaborou com o texto-programático «Do Sentido Geométrico») anunciava precisamente a revista *Sol* (de facto, nunca publicada) como órgão de um grupo modernista que, segundo vários testemunhos, esteve na génese de *Presença* (Navarro e M. D. 1980; Câmara 1966). Por outro lado, Pedro da Silveira (1999) e Alfredo Margarido (1999) identificam Abel Almada, já na década 1950 e aquando das suas deslocações a Lisboa, entre os participantes na tertúlia do café-restaurante *Restauração*, então frequentada quer por alguns dos seus companheiros presencistas (Bettencourt, Navarro, Fausto José, Brito Câmara), quer por alguns dos mais avançados nomes da nova geração artístico-literária (e política) portuguesa, cujas orientações estéticas e poéticas, em alguns casos, eram herdeiras de autores do *primeiro momento modernista português*: Herberto Helder, Pedro da Silveira, João Rui de Sousa, António Aragão ou até autores ligados à Casa dos Estudantes do Império, como Costa Andrade e Alfredo Margarido,

Quanto a Edmundo de Bettencourt, a ele se ficou a dever a autoria do título *Presença* e uma muito ativa colaboração na revista – com poesia, ensaio e fotografia – até 1930. Este foi o ano em que publicou o seu primeiro livro – *O Momento e a Legenda* – justamente com a chancela das *edições presença*; mas foi também o ano em que, acompanhando Branquinho da Fonseca e Adolfo Coelho, Bettencourt rompeu com o grupo presencista. Em causa estaria a defesa do espírito de liberdade criativa individual que movera à criação da revista em 1927. Para os três subscritores da carta de dissidência datada de 16.06.1930, esse espírito estaria a ser posto em causa pelos diretores José Régio e João Gaspar Simões, que, em seu entender, imprimiam na *Presença* uma dinâmica *institucionalizadora* e *escolar*. De resto, será esse mesmo espírito inaugural de independência e liberdade criativa que Bettencourt continuará a defender em 1944, na entrevista concedida a Brito Câmara, sobre a história da *Presença*; e que, segundo Herberto Helder (no seminal prefácio que, em 1963, acompanhou a edição de *Poemas de Edmundo de Bettencourt*, pela Portugália Editora), orientou o discreto e sempre coerente percurso literário do autor de *Poemas Surdos*.

Relativamente à obra de Raul Brandão, editada em 1927 pela Aillaud e Bertrand, é certo que não teve no sistema literário madeirense o mesmo impacto que veio a assumir no açoriano. Neste, autores destacados como Vitorino Nemésio, Pedro da Silveira, João de Melo, J. H. Santos Barros, Urbano Bettencourt ou Onésimo Teotónio Almeida reconheceram *As Ilhas*

Desconhecidas como referência incontornável no seu sistema literário. Contudo, em 1927, tanto na Madeira quanto nos Açores, alguma intelectualidade local recebeu o livro de Brandão com reservas ou até alguma animosidade. Urbano Bettencourt (1995) e Vasco Medeiros Rosa (2019) encontram explicações para esta primeira receção insular de *As Ilhas Desconhecidas* mais em fatores de ordem política, relacionados com conflitos de interesses locais e com o poder central republicano, do que em critérios de ordem estético-literária.

Composto a partir das notas recolhidas por Brandão na viagem que, entre junho e agosto de 1924, o levou até aos Açores, com passagens pela Madeira – uma demorada viagem, realizada livremente, sem agendas políticas e apenas movida pelo propósito de experienciar diretamente as Ilhas Adjacente para depois compor um livro sobre os Açores e em especial sobre o Corvo (Rosa 2019: 18-20) – *As Ilhas Desconhecidas* ensombrou, de algum modo, a campanha de promoção da imagem do arquipélago e da causa autonomista insular que, também em 1924 (e também com aplauso de autonomistas madeirenses), se materializou na chamada *Missão dos Intelectuais* ou *Visita dos Continentais*. Organizada a partir de Ponta Delgada, pelo *Correio dos Açores*, então dirigido pelo monárquico José Bruno Carreiro (um dos líderes do movimento autonomista açoriano), esta outra viagem ao arquipélago, iniciada semanas antes da de Brandão e chegando mesmo a cruzar-se com esta no percurso marítimo entre São Miguel e o Corvo (Rosa 2019: 10), teve uma dinâmica, uma duração e uma intencionalidade bem distintas das registadas na viagem do já conceituado autor republicano de *Os Pescadores* e de *Húmus*. O interesse suscitado a nível nacional por *As Ilhas Desconhecidas*, desde o pré-anúncio do seu título em 1924 (antes mesmo do início da viagem de Brandão), a liberdade com esta foi realizada e, depois de maio de 1927, a evidência da maior qualidade literária dos retratos insulares brandonianos, quando comparados com os que os convidados de José Bruno Carreiro vinham publicando, colocava a nú algumas das fragilidades da polémica e dispendiosa campanha autonomista promovida pelo *Correio dos Açores*.

Por seu lado, na Madeira, ainda que hoje possamos reconhecer a importância que *As Ilhas Desconhecidas* teve na sedimentação cultural de um imaginário madeirense associado ao mistério e ao desconhecimento, com manifestações que não se restringiram ao campo literário, e, por outro lado, encontremos mesmo o eco da leitura de obras de Raul Brandão em autores madeirenses como Herberto Helder ou António Aragão, na verdade, logo no início de junho de 1927, também a imprensa funchalense acusava, com alguma contestação, a imagem disfórica que o final de *As Ilhas Desconhecidas* construía da capital madeirense (as assimetrias e as misérias sociais; a subserviência aos turistas; a superficialidade/artificialidade cultural), que, aliás, vinha sendo destacada por alguma imprensa continental. Se no *Diário de Notícias*, a 08.06.1927, Carlos M. Lopes se referia, com ironia, ao escândalo com que, na Madeira, o livro (ainda não efetivamente lido) fora divulgado, salvaguardando a expectativa de, aquando da sua leitura, encontrar nele o rasgo literário que encontrava em outras obras de Brandão, pelo contrário, no *Diário da Madeira* (a 03.06.1927) e n' *O Jornal* (apenas a 05.07.1927) – ambos bem mais próximos do movimento regionalista/autonomista madeirense e da causa monárquica – criticavam com alguma virulência o livro lançado em maio de 1927. Na verdade, o retrato crítico do Funchal que Brandão pintara apresentava-se como avesso da exaltação regionalista

dominante em muitas das páginas destes jornais, empenhados na construção de uma narrativa identitária madeirense que contribuísse para a dignificação das comunidades do arquipélago e para a legitimação das aspirações autonomistas.

Assim, entre **outros temas e questões que o estudo do sistema literário pode suscitar** e que serão bem-vindos à discussão, o III Colóquio Literatura Madeirense acolherá com interesse propostas que se ocupem de **tópicos como**:

- autores e textos da literatura madeirense: análises críticas, comparativas e/ou historiográficas;
- o *primeiro* e o *segundo momentos modernistas portugueses* na Madeira: autores, publicações, dinâmicas literárias, culturais e interartísticas;
- contributos de autores e artistas madeirenses no primeiro e no segundo momentos modernistas portugueses;
- heranças modernistas na literatura madeirense contemporânea;
- receção de *As Ilhas Desconhecidas* e afinidades com Raul Brandão no sistema literário e cultural madeirense;
- geografias literárias e processos de representação de mundo(s) na literatura madeirense;
- literatura madeirense, ecocrítica e ecopoética;
- literatura madeirense e questões insulares e arquipelágicas;
- grupos, tertúlias e/ou projetos literários na Madeira;
- publicações periódicas e edições literárias na Madeira: linhas editoriais, ilustração e desafios do grafismo e das materialidades;
- literatura madeirense e as outras artes: cruzamentos, diálogos recriações e/ou traduções intersemióticas;
- literatura madeirense: discussão teórico-conceptual; …

Submissão de propostas:

As propostas de comunicação (com duração máxima de **20 minutos** e podendo ser apresentadas em português, inglês, espanhol, francês e italiano) deverão ser enviadas para o email da Comissão Organizadora (coloquio.literatura.madeira@gmail.com) até **10.01.2027**

Após validação pela Comissão Científica, a aceitação das propostas será comunicada aos respetivos autores e autoras até **31.01.2027.**

O email deverá ser devidamente identificado com o assunto **"Proposta de comunicação"** + **título** e deverá incluir, em **documento autónomo** (Word ou PDF):

- **resumo** da proposta de comunicação (entre **300** e **400 palavras**);
- **bibliografia** de trabalho relacionada com o tema proposto (cerca de **5 t**ítulos);
- **nota curricular** atualizada (até **150 palavras**);
- Indicação de **afiliação institucional** (caso se aplique).

Publicação: As versões escritas das comunicações apresentadas, depois de sujeitas a revisão por pares, serão publicadas em livro a editar, em parceria, pela DRABL, a CMF e uma editora comercial a definir.

Bibliografia Citada:

. AAVV. 1993. *Presença. Edição Facsimilada Compacta*, 3 vols.. Lisboa: Contexto Editora.
. Bettencourt, Urbano. 1995. «António Baptista e a "Visita dos Continentais"». *O Gosto das Palavras II (Leituras e Ensaios)*. Ponta Delgada: Jornal de Cultura, 41-47
. Brandão, Raul. 1927. *As Ilhas Desconhecidas. Notas e Paisagens*. Lisboa: Livraria Aillaud e Bertrand.
. Câmara, João de Brito. 1996 [1944]. *O Modernismo em Portugal (Entrevista com Edmundo de Bettencourt)*. Coimbra: Minerva.
. Frias, Joana Matos. s.d.. «Edmundo de Bettencourt». *Modern!smo. Arquivo Virtual da Geração de Orpheu*, disponível em https://modernismo.pt/index.php/e/edmundo-de-bettencourt .
. Helder, Herberto. 1999 [1963]. «Relance sobre a Poesia de Edmundo de Bettencourt». *Poemas de Edmundo de Bettencourt*. Lisboa: Assírio & Alvim, 7-29.
. Lisboa, Eugénio. (1984) [1977]. *O Segundo Modernismo em Portugal*, 2.ª ed.. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
. Lourenço, Eduardo. 2008. «Duas Cartas a Adolfo Casais Monteiro». *Adolfo Casais Monteiro. Uma Outra Presença*. Lisboa: BNP, 85-91.
. Margarido, Alfredo. 1999. «Edmundo de Bettencourt. Um Poeta Exilado». *A Phala. Edmundo de Bettencourt*, n.º 70 (maio): 105-107.
. Marnoto, Rita. 2009. «Os Palermas de Coimbra». *Francisco Levita, Negreiros – Dantas. Uma Página para a História da Literatura Nacional. Óscar, Pereira São Pedro (Pintor), Tristão de Teive, Príncipe de Judá, Coimbra Manifesto 1925*. Porto: Fenda Edições, 41-98.
. Monteiro, Adolfo Casais. 1995. *O Que Foi e Não Foi o Movimento da* Presença, prefácio, organização e notas de Fernando J. B. Martinho. Lisboa: IN-CM.
. Navarro, António de e M. D. [José Régio]. 1980 [1925]. «Uma Entrevista com José Régio ou o Pre-Presencismo». In AAVV. *A Dez Anos da Morte de José Régio*. Lisboa: Editorial Resistência, 57-63.
. Salgueiro, Ana. 2022. «João Cabral do Nascimento: um Autor Contemporâneo Apagado de um Certo Retrato de Família». *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 22 (Fall): 254-310.
. Régio, José. 1928.02.09. «Literatura Livresca e Literatura Viva». *Presença. Fôlha de Arte e Crítica*, n.º 9:- 1-10.
. Reynaud, Maria João. 2021. «Introdução». Raul Brandão. *Húmus*. Lisboa: IN-CM, 11-29.
. Silveira, Pedro da. 1999. Edmundo de Bettencourt. Lembrando-me de um Amigo». *A Phala. Edmundo de Bettencourt*, n.º 70 (maio): 103-104.
. Silveira, Pedro da. 2023 [1988]. «Um dos Melhores Livros de Viagens de Todos Os Tempos». *As Ilhas Desconhecidas. Notas e Paisagens*, Lajes do Pico: Companhia das Ilhas, 15-21.
. Serejo, Cristiana e Reis, Jorge dos. 2018. «*Presença*: uma Revista Tipografada ao Ritmo do Modernismo». *ARTETEORIA. Revista do CIEBA*, n.º 20-2017: 109-137.
. Teixeira, Mónica. 2005. *Tendências da Literatura na Ilha da Madeira nos Séculos XIX e XX*. Funchal: DRAC/SRTC.
. Torres, Rui. 2010. *Herberto Helder Leitor de Raul Brandão: Uma Leitura de* Húmus*, Poema-Montagem*. Porto: Universidade Fernando Pessoa.

CONFERENCISTAS PLENÁRIOS CONVIDADOS

- **Jerónimo Pizarro** (Universidad de los Andes, Colômbia)
- **Joana Matos Frias** (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Portugal)
- **Onésimo Teotónio Almeida** (Brown University, Providence, EUA)
- **Vasco Medeiros Rosa** (investigador independente)

COMISSÃO CIENTÍFICA (a aguardar confirmação)**:**

- Ana Cristina Joaquim (UNICAMP – Brasil. ILCML/UP – Portugal)
- Ana Isabel Moniz (FAH/UMa, CEComp/UL, ILCML/UP – Portugal)
- Ana Maria Martinho (FCH/NOVA, CHAM/NOVA, CREPAL – Portugal)
- Bernardo Vasconcelos (FAH/UMa – Portugal)
- Carlos Nogueira Fino (FCS/UMa, CIE/UMa – Portugal)
- Carlos Valente (FAH/UMa – Portugal)
- Cristina Trindade (CLEPUL – Portugal)
- Daniel Rodrigues (Université Clermont Auvergne; CELIS/UCA – França)
- Diogo Marques (CODA/UP, ILCML/UP – Portugal)
- Dionísio Vila Maior (UAb – Portugal)
- Dominique Faria (FCSH/UAc, CHAM/NOVA-UAc – Portugal)
- Duarte Drumond Braga (CEHUM, ELACH/UMinho – Portugal)
- Everton V. Machado (FLUL, CEComp/UL – Portugal)
- Fernando Tavares Pimenta (FAH/UMa – Portugal)
- Helena Rebelo (FAH/UMa – Portugal)
- Inês Cardoso (FLUP, ILCML/UP – Portugal)
- Isabel Ponce de Leão (FCHS/UPF, CEG/UAb, CECS/UMinho, Centro de Estudos Regianos – Portugal)
- Isabel Santa Clara (FAH/UMa, CIERL/UMa – Portugal)
- Jerónimo Pizarro (Universidad de los Andes – Colômbia)
- José Cândido de Oliveira Martins (FFCS/UCP Braga, CEFH/UCP – Portugal)
- Juan Manuel Santana Pérez (Universidad de Las Palmas de Gran Canaria – Espanha)
- Leonor Martins Coelho (FAH/UMa, CEComp/UL – Portugal)
- Leonor Sampaio Silva (FCSH/UAc, CHAM/NOVA-UAc – Portugal)
- Luísa Paolinelli (FAH/UMa, CLEPUL – Portugal)
- Luís Pimenta Lopes (FAH/UMa, CEHUM/UMinho – Portugal)
- Maria Teresa Nascimento (FAH/UMa, CIEC/UC-UL-UP-UMinho – Portugal)
- Naidea Nunes Nunes (FAH/UMa, CL/UL, CIERL/UMa, CITUR – Portugal)
- Nelson Veríssimo (FCS/UMa, CHAM/UNova-UAc – Portugal)
- Nuno Marques (FCSH/UAc – Portugal. KTH Environmental Humanities Laboratory – Suécia)
- Ricardo Vasconcelos (San Diego State University, Califórnia – EUA)
- Rui Guilherme Silva (CLP/UC, CIERL/UMa – Portugal)
- Rui Sousa (CLEPUL – Portugal)

COMISSÃO ORGANIZADORA:

» Ana Salgueiro (DRABL, CECC-UCP), coord.
» Andreia de Sousa (DRABL)
» Andreia Lara Pereira (DRABL)
» Catarina Faria (CMF)
» Leonor Martins Coelho (FAH/UMa)
» Maria Lúcia Gama (CMF)
» Natércia Gouveia (DRABL)

Região Autónoma da Madeira
Governo Regional
Secretaria Regional
de Turismo, Ambiente e Cultura
Direção Regional dos
Arquivos, das Bibliotecas e do Livro
funchal.pt
MUNICÍPIO
UNIVERSIDADE da MADEIRA
FACULDADE DE ARTES
E HUMANIDADES